

1. Arquiteta urbanista e doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco.

DOI: 10.5752/P.2316-1752.2014v21n28p86

ROBERT SMITH, DIÁLOGOS E PESQUISAS NO BRASIL

ROBERT SMITH, DIALOGUES AND RESEARCH IN BRAZIL

ROBERT SMITH, DIÁLOGOS Y INVESTIGACIONES EN BRASIL

Cecilia Ribeiro¹

Resumo

Este artigo aborda a interlocução do americano Robert Smith com representantes do Instituto do Patrimônio Artístico Nacional (IPHAN), principalmente Rodrigo Melo Franco de Andrade, destacando o apoio dado por essa instituição brasileira para os levantamentos, estudos, conhecimento e divulgação da arte brasileira no Brasil e no exterior. Essa interlocução foi iniciada logo em 1937, ano da criação da instituição, o que marcou um ciclo em que historiadores da arte estrangeiros vinham ao Brasil, interessados em conhecer, estudar e difundir a arte brasileira.

Palavras-chave: Robert Smith. IPHAN. Rodrigo Melo Franco de Andrade. Arte brasileira.

Abstract

This article covers the dialogue of American Robert Smith with representatives of the Instituto do Patrimônio Artístico Nacional (IPHAN), especially Rodrigo Melo Franco de Andrade, highlighting the support given by this Brazilian institution for surveys, studies, and dissemination of knowledge in Brazilian art Brazil and abroad. This dialogue was initiated early in 1937, the year of establishment of the institution, which scored a cycle in which art historians of foreigners coming to Brazil interested in knowing, studying and disseminating Brazilian art.

Keywords: Robert Smith. IPHAN. Rodrigo Melo Franco de Andrade. Brazilian Art.

Resumen

Este artículo aborda el diálogo del estadounidense Robert Smith con representantes del Instituto de Patrimonio Artístico Nacional (IPHAN), especialmente Rodrigo Melo Franco de Andrade, destacando el apoyo de esta institución brasileña en los estudios, conocimientos, encuestas y difusión del arte brasileño en Brasil y en el extranjero. Este diálogo empezó a principios de 1937, año en el que se creó la institución, y que marcó un ciclo en el que historiadores del arte extranjeros venían a Brasil interesados en conocer, estudiar y difundir el arte brasileño.

Palabras-claves: Robert Smith. IPHAN. Rodrigo Melo Franco de Andrade. Arte brasileño.

Introdução

No Brasil, a cooperação técnica internacional se difundiu bastante no século XX, quando ocorreram, por exemplo, as missões de professores franceses na Universidade de São Paulo, na década de 1930, de modo a integrar um corpo docente em formação para atuar e multiplicar essa atuação, e a Comissão Mista Brasil-Estados Unidos para o Desenvolvimento Econômico, criada em 1951 e encerrada em 1953, durante o segundo Governo de Vargas, que pretendia, por meio da cooperação bilateral, formar quadros, além de elaborar estudos e planos.

A interlocução do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)² com técnicos estrangeiros foi iniciada logo em 1937, ano da criação da instituição, com a vinda do americano Robert Smith, o que marcou um ciclo em que historiadores da arte estrangeiros vinham ao Brasil, interessados em conhecer, estudar e difundir a arte brasileira. Vale destacar que, antes mesmo da institucionalização das práticas protecionistas, o poeta franco-suíço Blaise Cendrars circulou entre os modernistas paulistas, como Mário de Andrade, Tarsila do Amaral e Oswald de Andrade, e, após viagem com o grupo às cidades históricas de Minas Gerais, redigiu o estatuto da Sociedade dos Amigos dos Monumentos Históricos do Brasil, que não chegou a ser criado (NOGUEIRA, 2005).

Vieram ao Brasil, entre as décadas de 1930 e 1960, por exemplo, além de Smith, o francês Germain Bazin,³ os portugueses Mário Chicó⁴ e João Miguel dos Santos Simões,⁵ o inglês John Bernard Bury⁶ e a alemã Hanna Levy.⁷ Desses, destaca-se aqui Robert Smith, que manteve uma interlocução com o IPHAN por três décadas (de 1937 a 1970), para promover estudos, pesquisas, trabalhos, exposições, cursos e palestras não só aqui como no exterior, em que abordava a arte brasileira e suas fontes de pesquisa. Assim, neste artigo, essa interlocução é relacionada com a de Germain Bazin, e, desse modo, a discussão entre eles é evidenciada pelo modo como ocorreu e pela busca de apoio para pesquisas e estudos e a divulgação da arte brasileira, que ocorria mais por vínculos pessoais do que entre instituições.

As principais fontes da pesquisa estão no Arquivo Central do IPHAN, Seção Rio de Janeiro. A pasta referente a Robert Smith, na série "Assuntos internacionais", revelou uma correspondência bastante rica em discussões sobre arquivos, fontes e métodos de pesquisa, informações sobre a arte brasileira, trocas de favores, além de uma amizade com Rodrigo Melo Franco de Andrade. Não se pretende aqui destacar as contribuições para a História da Arte, mas sim identificar os caminhos percorridos, as negociações, trocas que possibilitaram as suas pesquisas no País, de modo a contribuir para uma compreensão sobre o papel dos colaboradores estrangeiros no IPHAN.

Viagens, pesquisas e trocas

Para Augusto Silva Telles, arquiteto que trabalhou no IPHAN entre as décadas de 1950 e 1980, "Seriam [os] historiadores estrangeiros os primeiros a realizar sínteses gerais da arquite-

2. Em 1937, foi criado o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) que, em 1946, teve a sua denominação modificada para Diretoria (DPHAN). Em 1970, houve outra mudança, e a então diretoria passou a ser considerada instituto, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Essa denominação ainda mudou mais três vezes e, desde 1994, a instituição voltou a ser chamada IPHAN. Tendo em vista essas mudanças, adotou-se o critério de, neste artigo, chamar a instituição por IPHAN.

3. Germain Bazin (1901-1990) tinha como formação História da Arte e Museologia, tendo sido conservador e chefe do serviço de restauração de pinturas do Museu do Louvre e diretor da revista francesa *L'Amour de l'art*. Até a sua primeira vinda ao Brasil, os seus estudos, pesquisas e publicações se centravam na História da Arte do Período Medieval e da época Contemporânea (séculos XIX e XX). Bazin colaborou com a identificação da arte brasileira, especificamente nos estudos sobre o barroco, por meio de palestras, conferências e da publicação de livros no Brasil e no exterior.

4. Mário Chicó (1905-1966) era historiador da arte e museólogo e ocupou o cargo de diretor do Museu Regional de Évora, em Portugal. Teve uma experiência vasta na organização de exposições sobre a arte portuguesa no mundo, e o Brasil foi um campo privilegiado para suas atuações. Aqui, organizou exposições sobre a arte portuguesa e, em Portugal, sobre a arte brasileira. Em algumas delas, inclusive, comparou situações e representações, nas quais destacava a similaridade entre a arte dos dois países. A primeira vinda de Chicó, em 1954, ocorreu por conta de sua participação no II Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, em São Paulo, onde apresentou a exposição "Monumentos do Sul de Portugal (séc. XVI, XVII e XVIII)". Nessa ocasião, entrou em contato com Rodrigo e o IPHAN, e, a partir de então, manteve uma estreita interação até 1965.

tura barroca brasileira, como, por exemplo, o americano Robert Smith” (*apud* CHUVA, 2009, p. 259). Isso se explica pelo fato de que, nos primeiros anos da citada instituição, havia a necessidade de identificar e entender o que era a arte brasileira e como esta poderia estar situada em relação à História da Arte. Segundo Maria Lucia Pinheiro, o contexto era o do desconhecimento “dos bens que constituíam tal patrimônio”, no qual se destacavam os estudos promovidos pelos neocolonialistas, do qual Lucio Costa fez parte, já que “o estudo da arquitetura brasileira sequer fazia parte do currículo dos cursos de arquitetura existentes então; e só veio a ser incluído neles muito mais tarde” (PINHEIRO, 2006, p. 10). Já Nestor Goulart Reis Filho afirmou que “as únicas evidências disponíveis da importância artística do Período Colonial e dos primeiros anos do século XIX eram as próprias obras, cujo valor apenas começava a ser reconhecido” (REIS FILHO, 2012, p. 14).

Assim, no primeiro número da “Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional” (“Revista do Patrimônio”), de 1937, Rodrigo Melo Franco de Andrade considerou que havia a “necessidade de uma ação sistemática e continuada com o objetivo de dilatar e tornar mais seguro e apurado o conhecimento dos valores de arte e de história de nosso país”, e que os estudos que existiam até então eram considerados “quase primários” (ANDRADE, 1937, p. 2-3).

Robert Smith (1912-1975) era historiador, tendo se formado e doutorado na Universidade de Harvard, nos Estados Unidos. Em 1933, concluiu o seu mestrado e, em 1936, defendeu a sua tese de doutorado, “The architecture of João Frederico Ludovice and some his contemporaries at Lisbon, 1700-1750”, abordando um tema inédito, já que a “História da Arte do mundo luso” era ainda um “território inexplorado nos Estados Unidos” (BUENO, 2012, p. 25). Trabalhou como *keeper archive of hispanic culture* da Biblioteca do Congresso em Washington, antes de começar a lecionar, em 1947, na School of Fine Arts da Universidade da Pensilvânia, onde foi promovido a professor catedrático em 1956. Era especialista e pesquisador da arte e da Arquitetura luso-brasileira. Realizou conferências e cursos, e publicou artigos e livros em Portugal e no Brasil, bem como publicou artigos diversos nos Estados Unidos, na Argentina e na Inglaterra. Em 1955, recebeu do Governo brasileiro a Ordem do Cruzeiro do Sul.

Smith veio ao Brasil pela primeira vez em 1937, aos 25 anos, sob os auspícios do American Council of Learned Societies. Passou quatro meses (entre abril e julho) estudando, pesquisando e registrando a arte do Período Colonial, entre as cidades do Rio de Janeiro, Ouro Preto, Mariana, São Paulo, Santos, Salvador, Recife, João Pessoa, São Luís e Belém. Aqui conheceu Rodrigo Melo Franco de Andrade, que iniciava os trabalhos no IPHAN, instituição recém-criada como SPHAN. Sobre esse momento, Smith afirmou: “Conheci-o, primeiro em 1937, quando visitava os velhos sítios do Brasil colonial e lá descobria a maravilha da transplantação do barroco português”. Sobre o encontro, Rodrigo teria dito a Smith: “O Senhor, que conhece a arte portuguesa, pode ser-nos útil aqui no Brasil” (SMITH, 1969b, p. 133).

5. João Miguel dos Santos Simões (1907-1972) era especialista no estudo de azulejos em Portugal. Veio ao Brasil em 1959, 1962, 1964 e 1968, onde ministrou cursos e conferências, fez pesquisas e levantamentos. No Brasil, publicou os seguintes textos: “Azulejaria no Brasil”, na Revista do Patrimônio (n. 14, 1959); “Azulejos holandeses no convento de Santo Antônio do Recife”, nos Cadernos de Arte do Nordeste (n. 3, 1959); e “A propósito dos azulejos do Paço do Saldanha”, no jornal “A Tarde”, de Salvador-BA, em 8 de julho de 1967 (João Miguel dos Santos Simões. Disponível em: <<http://redeazulejo.fl.ul.pt/default.asp>>. Acesso: 17 abr. 2013).

6. John Bury esteve no Brasil por 14 meses, entre 1947 e 1948, a serviço de uma companhia internacional de petróleo. Após voltar para a Inglaterra, proferiu palestras em museus e universidades, e publicou alguns artigos, como “The Aleijadinho” (1949), na revista “The Cornhill”; e “The twelve profetes at Congonhas do Campo” (1949), na revista “The Month”. No entanto teve pouca interlocução com o IPHAN, embora tenha tido um reconhecimento tardio desta instituição, com a publicação de uma coletânea de seus textos em 1991, atualizada e revista em 2006, “Arquitetura e arte no Brasil colonial”.

7. Hanna Levy (1912-1984) estudou História da Arte na Sorbonne, em Paris, e, em 1937, veio morar no Brasil, onde ficou até 1947, quando migrou para os Estados Unidos. No período de 1937 a 1940, ministrou um curso de História da Arte para os funcionários do IPHAN e, entre 1940 e 1947, como contratada da instituição, foi responsável por pesquisas e estudos que resultaram na publicação de cinco artigos na “Revista do Patrimônio”: “Valor histórico e artístico: importante problema da História da Arte” (n. 4, 1940); “A propósito de três teorias sobre o Barroco” (n. 5, 1941); “A pintura colonial no Rio de Janeiro: notas sobre suas fontes e alguns de seus aspectos” (n. 6, 1942); “Modelos europeus na Pintura colonial” (n. 8, 1944); e “Retratos coloniais” (n. 9, 1945) (NAKAMUTA, 2009).

Sua vinda estava inserida num contexto de interesse, investimento e apoio do Governo norte-americano e que fazia parte da Política da Boa Vizinhança, implementada durante o governo de Franklin Roosevelt (1933-1945), que visava à cooperação econômica, técnica e cultural com a América Latina, de modo a firmar sua liderança e formar um mercado externo para seus produtos. Lewis Hanke (1947) refere-se ao período como sem precedentes quanto ao estímulo à realização de pesquisas acadêmicas sobre a América Latina, tendo, assim, proporcionado um substancial número de publicações (entre periódicos e traduções de textos clássicos), o surgimento de centros de pesquisa em universidades (como em Michigan, 1939; Texas, 1940; Wyoming, 1940) e a criação de bibliotecas, arquivos e fundações que contemplavam, em suas ações, a região, em diversos campos do conhecimento. Nesse contexto, foi organizada, nos Estados Unidos, a exposição e publicação "Brazil builds" (1943), de Philip Goodwin. Destaca-se também que outros colegas de Smith vieram ao Brasil e foram recomendados por ele a Rodrigo, como Alexander Marchant, que veio ao Brasil para adquirir imagens para o "Archive of Hispanic Culture"; e Florence Arquin, fotógrafa e pintora, que visitou o País sob os auspícios do Departamento de Estado americano, para fotografar alguns interiores de igrejas e sacristias.

Assim,

Robert Smith não apenas estava iniciando sua linha de pesquisa como também integrando um movimento que dava os primeiros passos em universidades norte-americanas, estudando os países da América Latina, focalizando, sobretudo, sua produção artística (REIS FILHO, 2012, p. 12).

Vale destacar que, além do Brasil e dos Estados Unidos, as pesquisas e publicações sobre arte brasileira e portuguesa também eram, nos anos de 1930 e 1940, escassas em Portugal.

Smith voltou ao Brasil em 1946, onde circulou por nove meses pelos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo, Bahia, Pernambuco, Paraíba e Pará. No Rio de Janeiro, fez pesquisas em arquivos de irmandades, "na Biblioteca Nacional, na Biblioteca do Itamaraty, no Arquivo Militar do Rio de Janeiro e nos Institutos Históricos e Geográficos regionais" (BUENO, 2012, p. 32). Em São Paulo (visitando São Paulo, Embu, São Miguel, Santos, Itanhaém, o sítio de Santo Antônio e casas seiscentistas próximas da capital), fez pesquisas no Museu da Cúria e no Museu Paulista, que estava à época sob a direção de Sérgio Buarque de Holanda, importante referência em seus trabalhos.

A terceira vinda de Smith ocorreu em 1953, quando viajou por quase três meses, passando pelos estados do Pará, Maranhão, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo. Veio pela última vez ao Brasil em 1969, quando permaneceu aproximadamente um mês, entre julho e agosto, passando pelo Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia e Pernambuco. Ele considerou vir ao Brasil em outras situações, que não aconteceram, como em 1950, 1962 (a convite da Universidade da Bahia), 1963 (para assistir ao congresso da comemoração da

passagem do governo colonial da Bahia para o Rio de Janeiro) e 1965 (para participar da comemoração do quarto centenário da fundação do Rio de Janeiro). Em 1954, Rodrigo o encontrou nos Estados Unidos por ocasião do Congresso Internacional de História da Arte e Museologia, realizado em Nova Iorque.

A colaboração entre Smith e Rodrigo era mútua, e já estava demonstrada desde o primeiro registro de comunicação entre eles, a carta de Rodrigo, de 14 de fevereiro de 1945.⁸ Nela estava evidenciada que a comunicação e a troca de informações entre eles já ocorria, até mesmo porque Smith já havia publicado dois artigos na "Revista do Patrimônio". No entanto a abertura de espaço para o levantamento e pesquisa de documentos no Brasil foi firmada na segunda viagem de Smith, no ano seguinte.

Antes de chegar ao Brasil, Smith avisava e enviava a Rodrigo um roteiro de viagem. A sua passagem e recepção era preparada por ele, que solicitava aos colaboradores da instituição, em diversas cidades brasileiras, que recebessem e atendessem bem Smith. Como exemplo, tem-se a passagem da carta transcrita a seguir, na qual Smith anunciava a sua terceira vinda ao País e as cidades em que ele estaria:

*Pretendo passar dois ou três meses no Brasil com o intuito de completar a documentação do manuscrito do livro sobre a arquitetura e talha coloniais brasileiras que estou terminando sua fase preliminar. Vou chegar a Belém mais ou menos entre os dias 20 e 24 de setembro para ver de novo as igrejas desta cidade e, se é possível, o palácio dos governadores coloniais, que tratei no meu artigo publicado em Buenos Aires. Depois quero ir a São Luís no Maranhão, cidade que não visitei quando da minha última viagem ao Brasil. Quem posso encontrar lá para me ajudar em ver o sítio misterioso de Alcântara? No Recife e em Salvador quero ver as fichas mais recentes do DPHAN. Devo chegar ao Rio no meio de outubro, e durante os poucos dias que lhe posso dedicar, preciso de visitar, com o apoio do meu amigo, o lugar de S. Fidelis e a igreja de S. Francisco Xavier de Niterói. Quero comprar também as fotografias que figuram na lista anexa [...]. Do Rio visitarei Minas, e especialmente as vilas de São João del-Rei e Tiradentes, antes de terminar esta rápida viagem de reinspeção. É escusado dizer que, para aproveitar das muitas coisas que me faltam, precisarei muito de seus conselhos e dos incomparáveis recursos do DPHAN. Desejo especialmente conhecer a sua opinião autoritária a respeito do que tenho escrito. Em consideração da nossa velha amizade e das tantas ocasiões em que me tem prestado serviços inesquecíveis, ousa crer que não lhe peço demais.*⁹

Assim, Rodrigo enviava cartas aos representantes da instituição nas cidades onde Smith passaria, ou, quando não havia representante, enviava a algum possível interlocutor que porventura conhecesse. Como exemplo, em carta a Pedro Guimarães Pinto, de São Luís, solicitava que se prestasse assistência a Smith, acompanhando-o e que "qualquer despesa feita com a finalidade de atender à minha presente solicitação, providen-

8. Carta (ct. 96) de Rodrigo Melo Franco de Andrade a Robert Smith, em 14/2/1945 (Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro/ Assuntos Internacionais - AA01/M065/P06/ Cx.0013/P.0060).

9. Carta de Robert Smith a Rodrigo Melo Franco de Andrade, em 23 de julho de 1953 (Arquivo Central do IPHAN / Seção Rio de Janeiro / Assuntos Internacionais - AA01/M065/ P06/Cx.0013/P.0060).

ciarei para indenizá-la." Ele apresentou Smith como "um dos mais doutos estudiosos da História de nossas artes plásticas, além do propagandista mais caloroso que esta repartição tem tido no estrangeiro de suas atividades".¹⁰

Aqui, Smith teve as portas abertas para as suas pesquisas, por exemplo, no Museu da Cúria, onde foi por sugestão de Rodrigo, e lá encontrou "uma mina de riquezas"; e que, segundo ele, "nenhuma das pessoas que conheci aqui, fora Saia, jamais tinha visto".¹¹ Rodrigo também solicitou que a irmandade de Santa Cruz dos Militares "concedesse facilidades" a Smith "a fim de habilitá-lo a fotografar o interior da respectiva igreja e estudar os livros antigos da mesma Irmandade", por ter ele "prestado ao nosso país no estrangeiro, com a divulgação e o encarecimento do acervo artístico e histórico do Brasil", chegando até a "esclarecer que o ilustre Professor norte-americano é católico praticante".¹² Até mesmo a liberação do seu material de trabalho pela alfândega teve a intermediação de Rodrigo: "uma máquina fotográfica Brand com o respectivo tripé e, bem assim, 60 filmes fotográficos".¹³

A abertura de um espaço de pesquisa para Smith foi importante, dada a dificuldade de acesso aos arquivos e a falta de entendimento da importância das pesquisas nos lugares onde as fontes deveriam ser consultadas. Ele chegou a relatar que "em Tiradentes, infelizmente tive o desgosto de ter as minhas fotografias embargadas pelo sacristão, cumprindo ordens do senhor vigário".¹⁴ No interior da Bahia, Smith chegou a ser detido, fato que explicou de forma elegante a Rodrigo em carta:

*Desejo dizer-lhe também que, se por acaso lesse um telegrama da Bahia publicado no Rio, dizendo que eu tinha estado preso em Maragogipe, quando copiava velhas inscrições na matriz, não o deveria levar a sério. Foi um exagero absurdo. Tratava-se meramente duma interrogaçãozinha feita por um subdelegado de polícia superzeloso, que evidentemente tem pouco contato com estrangeiros e muita curiosidade.*¹⁵

Após suas viagens, Smith pediu, em diversas situações, a intermediação para a resposta de dúvidas. Por exemplo, quando solicitou "informações acerca dos missionários capuchinhos italianos em Pernambuco. Quem seria a pessoa no Brasil capaz de me ajudar? Seria o brilhante autor do livro *No tempo dos Flamengos* [José Antonio Gonsalves de Mello] e onde deveria escrever?"; ou quando indagou a data da morte de José de Oliveira Barbosa, a qual foi levantada por Noronha Santos, colaborador da instituição.¹⁶

Esses pedidos diziam respeito ao momento após o levantamento e a pesquisa no Brasil, no qual Smith destacava a falta ou inconsistência de informações, que não poderia ser solucionada por ele, dada a distância, mas que, para isso, contava com o total apoio e prestatividade do IPHAN. E esses pedidos se referiam principalmente às fotografias.

Rodrigo enviava as que havia no arquivo, mas, quando estas não existiam ou não eram consideradas boas, solicitava a um fotógrafo as produzisse, com o cuidado para que fossem feitas "por profissional idôneo, uma vez que o próprio Smith é foto-

10. Carta (Cta. 426) de Rodrigo Melo Franco de Andrade a Pedro Guimarães Pinto, em 2 de setembro de 1953 (Arquivo Central do IPHAN / Seção Rio de Janeiro / Assuntos Internacionais - AA01/M065/P06/Cx.0013/P0060).

11. Carta manuscrita de Robert Smith a Rodrigo Melo Franco de Andrade, em 23 de setembro de 1946 (Arquivo Central do IPHAN / Seção Rio de Janeiro / Assuntos Internacionais - AA01/M065/P06/Cx.0013/P0060).

12. Carta (cta. n. 407) de Rodrigo Melo Franco de Andrade ao Reverendíssimo Monsenhor Caruso, em 2 de setembro de 1954 (Arquivo Central do IPHAN / Seção Rio de Janeiro / Assuntos Internacionais - AA01/M065/P06/Cx.0013/P0060).

13. Ofício (Of. 1.120) de Rodrigo Melo Franco de Andrade ao Senhor Inspetor da Alfândega do Rio de Janeiro, em 30 de julho de 1946 (Arquivo Central do IPHAN / Seção Rio de Janeiro / Assuntos Internacionais - AA01/M065/P06/Cx.0013/P0060).

14. Carta manuscrita de Robert Smith a Rodrigo Melo Franco de Andrade, em 15 de novembro de 1953 (Arquivo Central do IPHAN / Seção Rio de Janeiro / Assuntos Internacionais - AA01/M065/P06/Cx.0013/P0060).

15. Carta de Robert Smith a Rodrigo Melo Franco de Andrade, em 8 de fevereiro de 1947 (Arquivo Central do IPHAN / Seção Rio de Janeiro / Assuntos Internacionais - AA01/M065/P06/Cx.0013/P0060).

16. Carta de Robert Smith a Rodrigo Melo Franco de Andrade, em 23 de janeiro de 1966; e Carta cta. n. 130 de Rodrigo Melo Franco de Andrade a Robert Smith, em 8 de abril de 1952 (Arquivo Central do IPHAN / Seção Rio de Janeiro / Assuntos Internacionais - AA01/M065/P06/Cx.0013/P0060).

grafo exímio.¹⁷ Assim, o fotógrafo francês, que morava no Brasil, Marcel Gautherot foi contratado para fazer trabalhos para o IPHAN, de modo a atender às demandas de Smith,¹⁸ o que também aconteceu para atender a Germain Bazin.¹⁹ Assim, segundo José Pessoa e Renata Araújo (2012), que estudaram o legado de Smith doado à Fundação Calouste Gulbenkian em Lisboa, “a base de trabalho dos inventários de imagens [do IPHAN, fez do], acervo de Smith um paralelo ao acervo do Arquivo Central do atual IPHAN e vice-versa”, com similaridades inclusive de enquadramentos, o que, para o IPHAN, era padronizado e seguia instruções de uma portaria de 1948 (PESSOA; ARAÚJO, 2012, p. 44-47).

Rodrigo chegou a revisar, em diversas situações, os textos de Smith, como artigos sobre Arquitetura e arte brasileiras que seriam publicados no “Handbook of Brazilian Studies” e na Enciclopédia Britânica, nos verbetes “Arquitetura no Brasil” e “Arte brasileira”.²⁰ Na revisão dos verbetes, Rodrigo sugeriu correções, como esta: “Relativamente às construções civis seiscentistas das proximidades de São Paulo, pondero-lhe que não são feitas de adobe e sim de taipa e pilão”; e esta, a respeito do verbete pintura e escultura: “Recordo-lhe que a ‘pintura de perspectiva’ feita pelo mestre Caetano da Costa Coelho no forro de tabuado corrido da Igreja da Penitência do Rio de Janeiro foi ajustada em 1737 e concluída antes de 1740”.²¹

Na troca de favores, Smith, certa feita, analisou e concluiu pela “impraticabilidade” do planejamento feito por Rodrigo para o estudo sobre conservação e restauração de pinturas antigas por dois brasileiros nos Estados Unidos, na qual sugeria que seria melhor levar ao Brasil um especialista para orientar e ensinar técnicas aos especialistas brasileiros. Smith também se colocou à disposição de Rodrigo para lhe prestar serviços em viagem à Europa (Irlanda, Inglaterra, Holanda e Itália), em 1952, e assim afirmou: “Ordene-me que faça coisas para si na Europa, pois me dará tanto prazer procurar ajudar tão dedicada pessoa”.²² Ele enviou documentos como os que diziam respeito à “sacristia da igreja de São Bento de Olinda, extraídos em Portugal dos manuscritos procedentes do Mosteiro dos Tibães”²³ e livros sobre História da Arte. Também doou fotografias suas feitas no Brasil, como as que foram enviadas, por meio da Gift and Exchange Division da Biblioteca do Congresso americano,²⁴ e as fotografias da exposição de Arquitetura luso-brasileira que aconteceu entre junho e julho de 1951, no Museu de Arte Moderna, que, na época, era dirigido por Lourival Gomes Machado.

A retribuição do suporte tido no Brasil vinha também da divulgação da arte brasileira e dos trabalhos do IPHAN, por meio de publicações, conferências no exterior e no Brasil. Smith proferiu palestras e cursos em suas passagens pelas cidades brasileiras na segunda, terceira e quarta viagens ao Brasil. Na segunda, por exemplo, realizou conferências em Salvador, na Faculdade de Filosofia, e em São Paulo sobre a Arquitetura americana no período de Thomaz Jefferson, sendo recebido por Lasar Segall e membros da Escola de Sociologia. Ele se sentia na obrigação de retribuir o apoio recebido, tal como comentou em carta manuscrita na qual se refere a conferências

17. Carta (cta. n. 38) de Rodrigo Melo Franco de Andrade a Ayrton Carvalho, em 6 de outubro de 1966 (Arquivo Central do IPHAN / Seção Rio de Janeiro / Assuntos Internacionais - AA01/M065/P06/Cx.0013/P0060).

18. O comentário de Rodrigo acerca das fotografias para o livro sobre Arquitetura colonial brasileira de Smith é exemplar: “Quanto às fotografias da fazenda do Colubandê, só possuímos no arquivo desta repartição as do Eric Hess e outras poucas, feitas por amadores. Uma vez que as de Hess não lhe parecem boas (e são de fato mediócras), o único meio de corresponder a seu desejo será providenciar nova documentação fotográfica. Diligenciarei, portanto, para que seja feita, incumbindo do trabalho o Marcel Gautherot. Mas receio que não lhe possa remeter as fotografias pretendidas com muita brevidade, porque o proprietário da fazenda morreu e haverá certa dificuldade de acesso ao interior da casa. Além disso, o Gautherot é muito impontual” (Carta cn. 94 de Rodrigo Melo Franco de Andrade a Robert Smith, em 5 de março de 1956 - Arquivo Central do IPHAN / Seção Rio de Janeiro / Assuntos Internacionais - AA01/M065/P06/Cx.0013/P0060).

19. Em carta de Rodrigo Melo Franco de Andrade a Germain Bazin, em 20 de julho de 1949, foi referida a passagem do fotógrafo francês Marcel Gautherot em Minas Gerais (em Belo Horizonte, Sabará, Nova Lima, Ouro Preto, Mariana, Congonhas do Campo e São João del-Rei) para executar o trabalho que seria entregue a Bazin em Paris (Arquivo Central do IPHAN / Seção Rio de Janeiro / Arquivo Técnico Administrativo - AA01/M037/P05/Cx.0008/328/P34).

20. Carta (ct. 96) de Rodrigo Melo Franco de Andrade a Robert Smith, em 14 de fevereiro de 1945, e carta de Robert Smith a Rodrigo Melo Franco de Andrade, em 6 de julho de 1947 (Arquivo Central do IPHAN / Seção Rio de Janeiro / Assuntos Internacionais - AA01/M065/P06/Cx.0013/P0060).

21. Carta (c. 9) de Rodrigo Melo Franco de Andrade a Robert Smith, em 6 de janeiro de 1948 (Arquivo Central do IPHAN / Seção Rio de Janeiro / Assuntos Internacionais - AA01/M065/P06/Cx.0013/P0060).

22. Carta (ct. 96) de Rodrigo Melo Franco de Andrade a Robert Smith, em 14 de fevereiro de 1945, e carta de Robert Smith a Rodrigo Melo Franco de Andrade, em 7 de maio de 1952 (Arquivo Central do IPHAN / Seção Rio de Janeiro / Assuntos Internacionais - AA01/M065/P06/Cx.0013/P0060).

proferidas, durante a sua terceira viagem ao Brasil, no Rio de Janeiro e no Recife, “Retábulo Colonial do Brasil”: “Não sou muito amigo de conferências, mas, ao mesmo tempo, sinto certa responsabilidade, especialmente para com o Itamaraty, que vai custear a minha viagem...”²⁵

A quarta e última viagem de Smith ao Brasil foi resultado de um acordo de parceria entre o Ministério das Relações Exteriores (departamento cultural), o Ministério da Educação e Cultura (IPHAN e Conselho Federal de Cultura) e as universidades federais que porventura acordassem em promover o curso. Ele teria por missão “pronunciar conferências”, “relacionadas com o bicentenário, a transcorrer este ano, do grande artista André Soares, iniciador do movimento rococó em Portugal e precursor da obra de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho.”²⁶

As suas conferências foram reunidas num curso, “Aspectos da arte portuguesa do século XVIII”, realizado no Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, e que teve algumas delas ministradas em São Paulo, Salvador e Recife. As sete conferências do curso eram: 1) A arte portuguesa de setecentos (16 de julho de 1969); 2) A talha e Portugal durante o século XVIII (18 de julho de 1969); 3) Cinco grandes obras de Dom João V na Arquitetura (21 de julho de 1969); 4) Nicolau Nasconi, arquiteto do Porto (23 de julho de 1969); 5) André Soares, amador bracarense (25 de julho de 1969); 6) Frei José de Santo Antônio Vilaça, Aleijadinho do Minho (28 de julho de 1969); 7) O móvel português do século XVIII (30 de julho de 1969). Sobre o curso, Renato Soeiro, que na época ocupava a direção do IPHAN, afirmou que:

*(O curso) restabelece também a série de cursos da DPHAN, iniciada com o de Hannah Levy sobre História da Arte e o de Afonso Arinos de Melo Franco sobre o Desenvolvimento da Civilização Material no Brasil, seguidos dos ministrados pelo Professor Mário Chicó A Arquitetura Civil em Portugal e pelo Professor João Miguel dos Santos Simões sobre Azulejo luso-brasileiro.*²⁷

Smith publicou quatro artigos na “Revista do Patrimônio: “Alguns desenhos de arquitetura existentes no Arquivo Histórico Colonial Português” (n. 4, 1940), “O Códice de Frei Cristóvão de Lisboa” (n. 5, 1941), “Documentos baianos” (n. 9, 1945) e “Arquitetura civil do Período Colonial” (n. 17, 1969a). Além de artigos em periódicos, publicou também os livros “Arquitetura Colonial Baiana: alguns aspectos da sua história”, em 1951 e reeditado em 2010 e em 2012 (em coletânea); “Arquitetura colonial”, em 1954, reeditado no ano seguinte e em 2012 (em coletânea); “Congonhas do Campo”, em 1973; e, postumamente, foram publicadas as coletâneas de estudos, “Igrejas, casas e móveis: aspectos da arte colonial brasileira”, em 1979; e “Robert Smith e o Brasil: Arquitetura e Urbanismo” (volume 1), em 2012, organizada por Nestor Goulart Reis Filho.

Smith tinha o desejo de publicar um livro sobre a história da Arquitetura brasileira no Período Colonial, o que não conseguiu realizar. De 1949 a 1956, esse desejo de finalizar o livro foi citado em cartas, nas quais pedia informações e fotografias, e cogitava trazer uma versão para que o amigo brasileiro

23. Carta (cta. n. 38) de Rodrigo Melo Franco de Andrade a Ayrton Carvalho, em 6 de outubro de 1966 (Arquivo Central do IPHAN / Seção Rio de Janeiro / Assuntos Internacionais - AA01/M065/P06/Cx.0013/P0060).

24. Carta (c. 455) de Rodrigo Melo Franco de Andrade a Robert Smith, em 7 de agosto de 1947 (Arquivo Central do IPHAN / Seção Rio de Janeiro / Assuntos Internacionais - AA01/M065/P06/Cx.0013/P0060).

25. Carta de Robert Smith a Rodrigo Melo Franco de Andrade, em 2 de junho de 1954 (Arquivo Central do IPHAN / Seção Rio de Janeiro / Assuntos Internacionais - AA01/M065/P06/Cx.0013/P0060).

26. Ofício (Of. n. 14) de Renato Soeiro ao Chefe do Departamento Cultural e de Informações do Ministério das Relações Exteriores - Embaixador Donatello Grieco, em 6 de janeiro de 1969 (Arquivo Central do IPHAN / Seção Rio de Janeiro / Assuntos Internacionais - AA01/M065/P06/Cx.0013/P0060).

27. Documento assinado por Renato Soeiro, com a data de 16 de julho de 1969 – provavelmente o discurso de apresentação e abertura do curso de Robert Smith (Arquivo Central do IPHAN / Seção Rio de Janeiro / Assuntos Internacionais - AA01/M065/P06/Cx.0013/P0060).

a revisasse. No entanto, sempre se referia à dificuldade de finalizar o seu intento, sendo que, na sua última referência ao livro em carta, afirmou: “Confesso que tenho demorado excessivamente em terminar este livro e encontrar os meios de o publicar. Um dos motivos tem sido o desânimo que me inspirou o livro do Bazin [...]”²⁸. Essa carta, escrita em 1956, coincide com ano da publicação de Germain Bazin, “L’Architecture religieuse baroque au Brésil” (volume I), que foi publicado no Brasil somente em 1983 (seu outro livro, “Aleijadinho et la sculpture baroque au Brésil”, foi publicado em 1963 na França e, em 1971, aqui).

Assim, depois de um hiato de mais de cinco anos de correspondência entre Smith e Rodrigo (1956 a 1961), as cartas seguintes não faziam qualquer referência ao livro, que “jaz inacabado, em 800 páginas datilografadas e versões diversas no Arquivo de Arte da Fundação Gulbenkian, descoberta recente de Rafael Moreira” (BUENO, 2012, p. 35).

Como Smith, Germain Bazin também teve apoio governamental de seu país para a sua primeira vinda ao Brasil, em 1945. Ele veio em missão do Governo francês e tinha por objetivo divulgar os valores da cultura francesa no contexto do Pós-Guerra, o que incluía a apresentação de uma exposição sobre pintura contemporânea, preparada juntamente com René Huyghe. Essa viagem possibilitou um contato que o fez rever os seus interesses e mudou a orientação de suas pesquisas, que passaram a contemplar a arte barroca. Segundo Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira, o próprio Rodrigo teria encarregado Bazin de escrever os seus livros sobre arte brasileira (OLIVEIRA, 2006, p. 11). No entanto, nas considerações que Bazin fez na introdução dos seus livros, não há menção a esse fato. Bazin (1983) afirma:

Entusiasmado pela arte do Aleijadinho, prometi a mim mesmo consagrar um livro ao último dos grandes escultores barrocos. A existência de toda uma escola de arte ainda desconhecida no Ocidente e dispersa em toda a extensão de um imenso território me atraiu loucamente (BAZIN, 1983, p. 14).

Depois de 1945, Bazin voltou mais três vezes ao Brasil, até 1949,²⁹ para pesquisar sobre o barroco. Embora o seu período de interlocução tenha sido mais curto do que o de Smith, não foi menos importante.

Entre Rodrigo e Bazin também houve uma relação de amizade e uma troca de favores. A correspondência entre eles se deu somente na década de 1940, quando Bazin preparava as suas pesquisas no Brasil sobre a arquitetura religiosa e Aleijadinho. Rodrigo também facilitava e colaborava com as pesquisas de Bazin, e essa facilidade incluía o envio de documentos, textos, fotografias e a disponibilização da estrutura do IPHAN para as suas pesquisas. Essa colaboração também aconteceu não só no momento de sua passagem por diversas cidades brasileiras, assim como após essas passagens, de modo a viabilizar seus estudos e, claro, suas publicações sobre a arte brasileira.³⁰

Bazin enalteceu a Arquitetura como fruto de uma civilização e deu ao barroco nacional um estatuto de obra de arte, de

28. Carta de Robert Smith a Rodrigo Melo Franco de Andrade, em 26 de fevereiro de 1956 (Arquivo Central do IPHAN / Seção Rio de Janeiro / Assuntos Internacionais - AA01/M065/P06/Cx.0013/P0060).

29. Não foi possível identificar o roteiro de Bazin no Brasil. Sabe-se que, em 1948, ele esteve em Minas e na Bahia e provavelmente São Paulo. Em 1949, foi ao Rio de Janeiro, Pernambuco e a Alagoas.

30. Bazin e Smith se encontraram em alguns eventos, como em 1949, no “XVI Congresso Internacional de História d’Arte”, acontecido em Portugal, quando foi apresentar o trabalho sobre o desenvolvimento do barroco em Portugal e no Brasil. Smith também se encontrou com Bazin na França, em 1952, quando o francês o convidou para fazer uma conferência na École du Louvre, o que não pôde acontecer, mas lá trabalharam juntos.

expressão e de representação própria e específica, distinguindo-o, assim, das manifestações do estilo ocorridas em outros lugares, principalmente em Portugal. Diferentemente de Smith, que exaltou e ressaltou a afinidade entre Brasil e Portugal na arte, na criação de cidades e na importância que deu aos arquivos portugueses para a pesquisa sobre o Brasil. Ele destacava a continuidade e a similaridade das Arquitetura e cidade brasileiras com relação às de Portugal, mas não de equivalência em valor para a arte. Ao se referir ao Brasil, usava palavras como cópia e imitação, o que Nestor Goulart dos Reis Filho destacou como uma má interpretação da obra de Gilberto Freyre.³¹

Outro destaque da abordagem de Smith foi dado aos arquivos e fontes de pesquisa, como fotografias, desenhos e pinturas, além do papel dos viajantes e autores de diários como fonte de informações sobre a Arquitetura. Assim, ele ressaltou modos de fazer pesquisa, incentivando a busca, uso e o cruzamento de diversos tipos de fonte, trazendo a importância dos desenhos para a “reconstrução” de edifícios antigos, a importância em se estudar documentos sobre Arquitetura guardados em arquivos municipais, considerando-os um “campo fertilíssimo, embora pouco explorado, para o estudo da arte colonial no país”, destacando o de Salvador, constante na coleção do Arquivo Histórico da Prefeitura (SMITH, 1945, p. 85).

Após a última correspondência entre Smith e Rodrigo (carta de Robert Smith a Rodrigo Melo Franco de Andrade, de 6 de outubro de 1967), a comunicação com o pesquisador americano ficou por conta de Renato Soeiro, que substituiu Rodrigo na direção do IPHAN, e durou até 1970 (carta de Smith a Soeiro, de 10 de março de 1970). Os vínculos profissionais e pessoais entre o pesquisador estrangeiro e o IPHAN foram importantes para viabilizar as vindas e as pesquisas, as homenagens prestadas e os cursos ministrados no Brasil. Foi um apoio importante para a construção de sua carreira internacional, que aqui não se encerrou em meados da década de 1950, quando o seu projeto de uma publicação sobre a arte colonial do Brasil foi abandonado. Mesmo com um hiato na comunicação, tal como exposto acima, esse vínculo perdurou com a colaboração para a pesquisa de outras publicações e a viabilização dos cursos ministrados aqui.

Considerações finais

As vindas de Smith, bem como as de Bazin, embora estivessem ligadas entre si por um objetivo comum e tenham se conformado num movimento em torno do entendimento da arte brasileira, privilegiando o barroco, não tinham uma atribuição específica professada por uma instituição ou organização, nem foram solicitadas ou patrocinadas pelo Governo brasileiro, embora, em diversas oportunidades, tenha apoiado essas vindas. Em comum, eles tinham o foco de suas ações no território brasileiro por meio de suas associações, ligações ou conexões com os técnicos do IPHAN, e as trocas de experiências no campo da História da Arte, por meio do estudo e divulgação da arte brasileira e da formação teó-

31. Sendo que, “para Gilberto Freyre, a continuidade era um caminho de reconhecimento do valor de seus objetos de estudo, em nível equivalente aos dos exemplos portugueses” (REIS FILHO, 2012, p. 17).

rica possibilitada pelos cursos e palestras ministrados, publicações, bem como pelas trocas de experiências. Nesse momento, o interesse dessa associação do IPHAN com os estrangeiros citados era conhecer e fazer reconhecida a arte brasileira, legitimar uma prática em curso e em elaboração, além de identificar bens para saber o que deveria ser protegido, conservado e cultuado.

As cartas constantes no Arquivo Central do IPHAN acerca da comunicação entre Smith e Rodrigo revelaram discussões, caminhos e modos de pesquisar em um período em que se buscava uma abordagem criteriosa, embasada em diversos tipos de fontes de pesquisa, e os arquivos ganhavam uma posição de destaque, para além da obra de arte em si.

A interlocução com o IPHAN também se configurou no trabalho e estudo de obras brasileiras, de modo a ajudar a conformar um campo de conhecimento a respeito da História da Arte no Brasil. Ela se deu por meio de levantamentos, pesquisas, estudos, discussões técnicas, publicações, exposições, cursos e conferências acerca da identificação da arte brasileira e de sua divulgação no País e no exterior. Vale destacar que havia também iniciativas e buscas para esse entendimento por técnicos brasileiros, o que não foi objeto de discussão neste artigo.

Do vínculo que se configurou, o IPHAN facilitava, e até mesmo possibilitava, o acesso aos documentos, às pessoas e aos arquivos brasileiros pelos estrangeiros que vinham ao Brasil, os quais, por sua vez, sistematizavam, estudavam e difundiam a arte brasileira para os técnicos brasileiros e no exterior. A colaboração era mútua. Com isso, a instituição contribuía e se beneficiava das pesquisas, da repercussão e da aceitação da arte brasileira pelos princípios da História da Arte. Havia uma relação de dependência bem quista pelas partes, na busca pelo entendimento do que era a arte brasileira, como ela se relacionava com a arte estrangeira, em especial a portuguesa, e, principalmente, como ela se diferenciava e se aproximava desta.

Isso demonstra que já havia um movimento e um canal estabelecido para a receptividade ao intercâmbio, por parte dos técnicos do IPHAN, para a cooperação técnica internacional entre instituições, quando se deu a intermediação para os pedidos de assistência técnica à UNESCO, a partir de 1964, quando Lourival Gomes Machado era diretor de Assuntos Culturais da organização e mantinha um contato estreito com Rodrigo. Desde então, o IPHAN passou a contar com uma série de missões de assistência técnica que promoviam a formação de quadros profissionais, por meio da concessão de bolsas de estudos e do encontro de técnicos locais e especialistas. Essas missões promoviam a conservação aliada ao planejamento, tendo em vista o turismo cultural e a superação do subdesenvolvimento, tal como preconizavam as Nações Unidas e as agências ligadas a ela, o que representa outro capítulo na interlocução, colaboração e circulação de ideias entre os técnicos brasileiros e estrangeiros, quanto ao campo da conservação e aos arranjos institucionais ocorridos.

Referências

- ANDRADE, R. M. F. de. Programa. *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 2-3, 1937.
- BAZIN, G. *A arquitetura religiosa barroca no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 1983.
- BUENO, B. P. S. Robert Smith: um olhar inédito para linhas e entrelinhas do discurso visual. In: SMITH, R. **Robert Smith e o Brasil: Arquitetura e Urbanismo** (organização Nestor Goulart Reis Filho). Brasília: IPHAN, 2012, p. 25-42.
- BURY, J. *Arquitetura e arte no Brasil colonial* (organização Myriam Andrade Ribeiro de Oliveria). Brasília: IPHAN; Monumenta, 2006. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/files/johnbury.pdf>>. Acesso em: 5 dez. 2012.
- CHUVA, M. *Os arquitetos da memória*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.
- HANKE, L. The development of latin-american studies in the United States, 1939-1945. *The americas*, Filadélfia, v. 4, n. 1, p. 32-54, jul. 1947. Disponível em: <http://pics3441.upmf-grenoble.fr/articles/cult/the_development_of_latin_american_studies_in_the_united_states.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2013.
- NAKAMUTA, A. Hanna Levy no SPHAN (1946-1948). **Nos arquivos do IPHAN**, revista eletrônica de pesquisa e documentação, Rio de Janeiro, p. 1-4, dez. 2009. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=1541>>. Acesso em: 26 abr. 2013.
- NOGUEIRA, A. G. R. **Por um inventário dos sentidos: Mário de Andrade e a concepção de patrimônio e inventário**. São Paulo: Hucitec; Fapesp, 2005.
- OLIVEIRA, M. A. R. Prefácio. In: BURY, J. **Arquitetura e arte no Brasil Colonial** (organização Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira). Brasília: IPHAN; Monumenta, 2006. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/files/johnbury.pdf>>. Acesso em: 5 dez. 2012.
- PESSÔA J.; ARAÚJO, R. O acervo fotográfico de Robert Chester Smith relativo ao Brasil. In: SMITH, R. **Robert Smith e o Brasil: Arquitetura e Urbanismo** (organização Nestor Goulart Reis Filho). Brasília: IPHAN, 2012, p. 43-49.
- PINHEIRO, M. L. B. Origens da noção de preservação do patrimônio cultural no Brasil. *Risco*, Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (*on-line*), São Carlos, n. 3, p. 4-14, 2006. Disponível em: <http://www.iau.usp.br/revista_risco/Risco3-pdf/art1_risco3.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2013.
- REIS FILHO, N. G. Os tempos de Robert C. Smith. In: SMITH, R. **Robert Smith e o Brasil: Arquitetura e Urbanismo** (organização Nestor Goulart Reis Filho). Brasília: IPHAN, 2012, p. 9-24.
- SMITH, R. Alguns desenhos de arquitetura existentes no Arquivo Histórico Colonial Português. *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, n. 4, p. 209-249, 1940.

SMITH, R. Arquitetura civil do Período Colonial. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, n. 17, p. 27-126, 1969a.

SMITH, R. Depoimento. In: DPHAN. *A lição de Rodrigo*. Recife: DPHAN, 1969b, p. 57-59.

SMITH, R. Documentos baianos. *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, n. 9, p. 85-134, 1945.

SMITH, R. O códice de Frei Cristóvão de Lisboa. *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, n. 5, p. 121-128, 1941.

SMITH, R. **Robert Smith e o Brasil: Arquitetura e Urbanismo** (organização Nestor Goulart Reis Filho). Brasília: IPHAN, 2012.

Recebido em 12/05/2014

Aprovado em 10/06/2014

Contato do autor:

Cecilia Ribeiro Pereira

e-mail: ceciliaribeiopereira@gmail.com /

ceciliaribeiopereira@ig.com.br